

A vinheta oficial da FIFA para a Copa do Mundo de 2014 e o futebol-arte de Gilberto Freyre: aproximações estéticas e apropriação publicitária

La viñeta oficial del Mundial FIFA de 2014 y el fútbol-arte de Gilberto Freyre: planteamientos estéticos y apropiación de la publicidad

FIFA's official vignette for World Cup 2014 and Gilberto Freyre's football-art: aesthetic approaches and advertising appropriation

José Carlos Marques

Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Bauru.

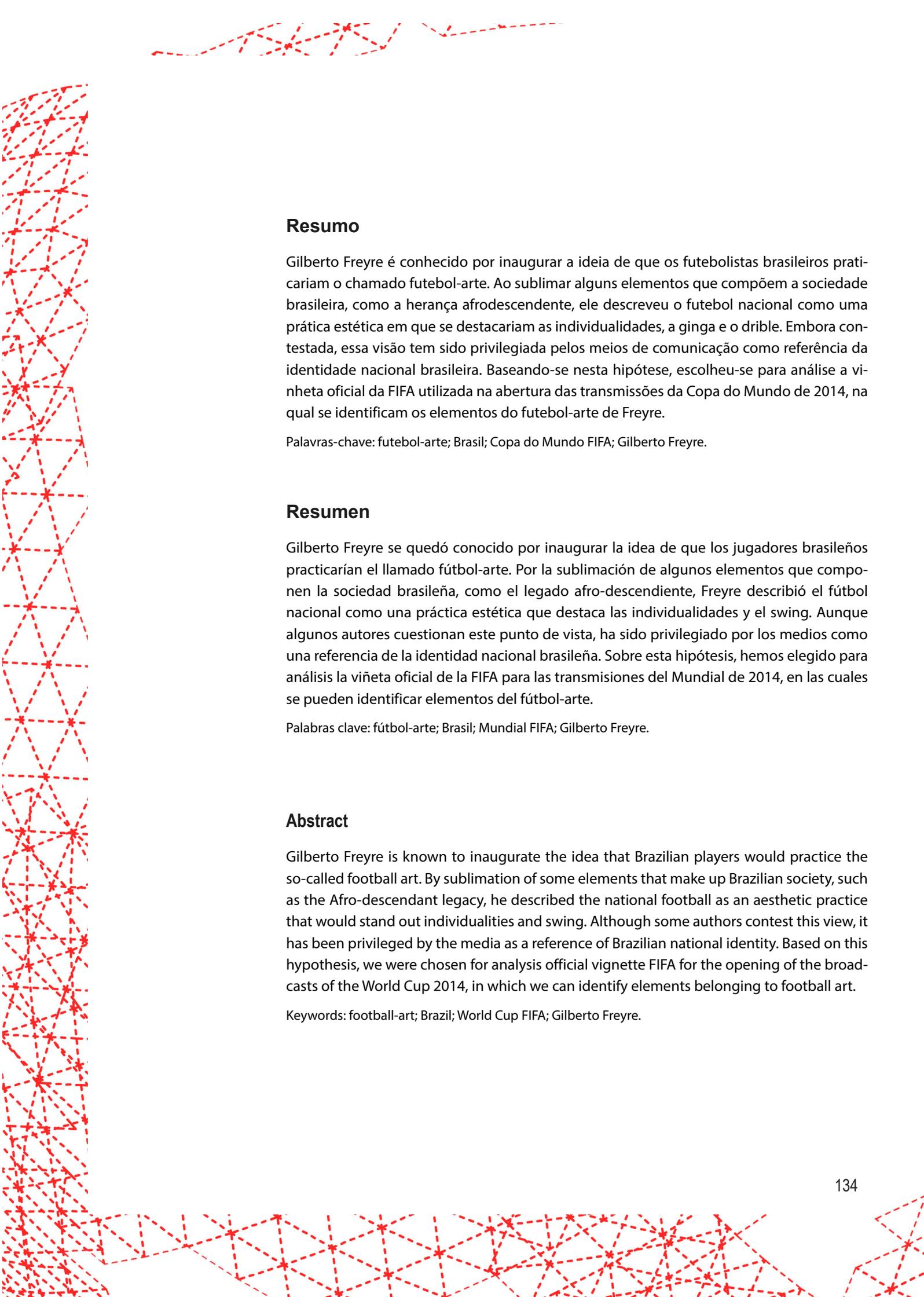
Contato: zeca.marques@faac.unesp.br

Nathaly Barbieri Marcondes Cesar

Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Sagrado Coração (USC - Bauru). Especialista em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (FGV - Bauru). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP - Bauru)

Contato: nathalymarcondes@gmail.com

Artigo recebido em 29/09/2015 e aceito em 28/11/2015



Resumo

Gilberto Freyre é conhecido por inaugurar a ideia de que os futebolistas brasileiros praticariam o chamado futebol-arte. Ao sublimar alguns elementos que compõem a sociedade brasileira, como a herança afrodescendente, ele descreveu o futebol nacional como uma prática estética em que se destacariam as individualidades, a ginga e o drible. Embora contestada, essa visão tem sido privilegiada pelos meios de comunicação como referência da identidade nacional brasileira. Baseando-se nesta hipótese, escolheu-se para análise a viñeta oficial da FIFA utilizada na abertura das transmissões da Copa do Mundo de 2014, na qual se identificam os elementos do futebol-arte de Freyre.

Palavras-chave: futebol-arte; Brasil; Copa do Mundo FIFA; Gilberto Freyre.

Resumen

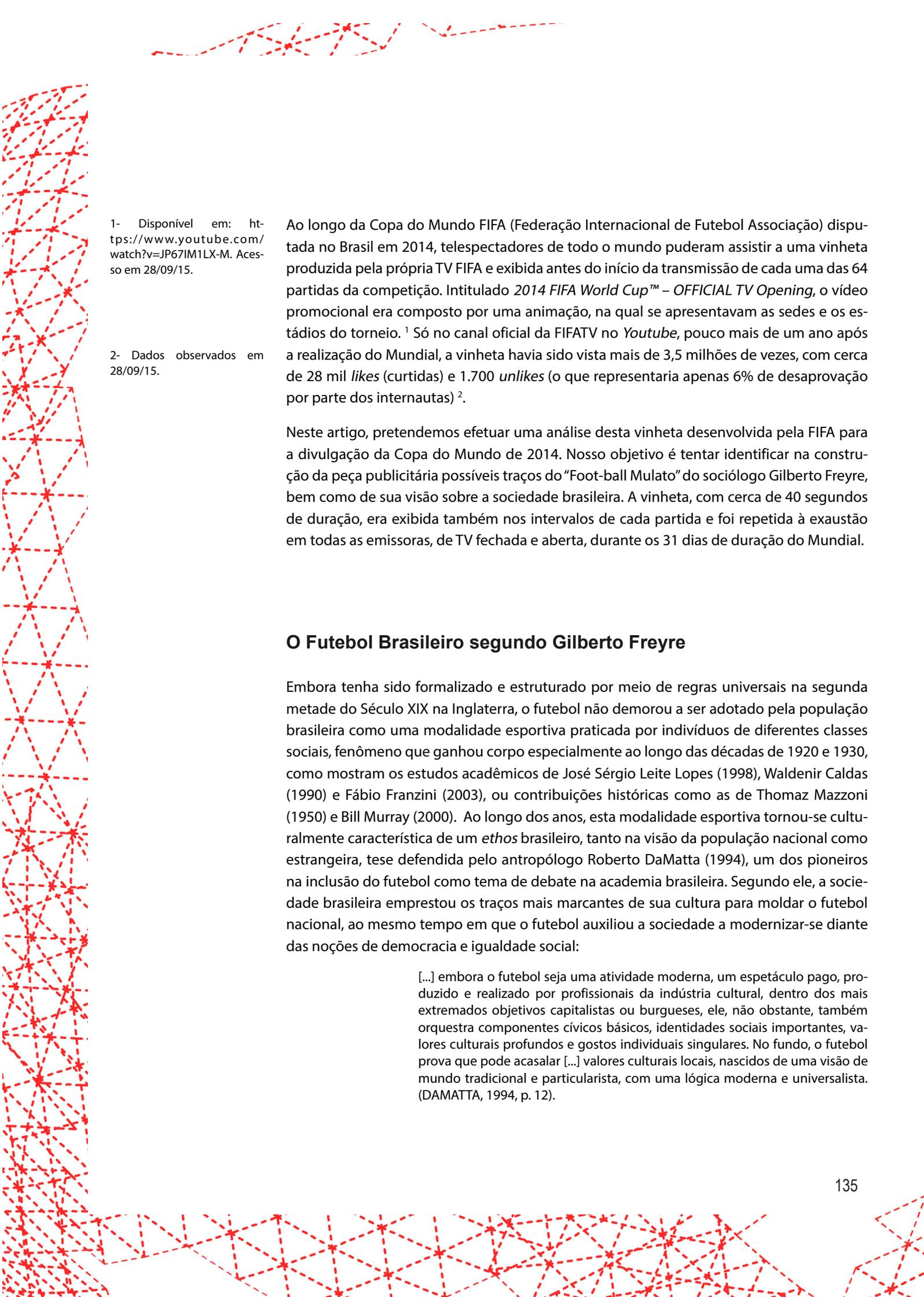
Gilberto Freyre se quedó conocido por inaugurar la idea de que los jugadores brasileños practicarían el llamado fútbol-arte. Por la sublimación de algunos elementos que componen la sociedad brasileña, como el legado afro-descendiente, Freyre describió el fútbol nacional como una práctica estética que destaca las individualidades y el swing. Aunque algunos autores cuestionan este punto de vista, ha sido privilegiado por los medios como una referencia de la identidad nacional brasileña. Sobre esta hipótesis, hemos elegido para análisis la viñeta oficial de la FIFA para las transmisiones del Mundial de 2014, en las cuales se pueden identificar elementos del fútbol-arte.

Palabras clave: fútbol-arte; Brasil; Mundial FIFA; Gilberto Freyre.

Abstract

Gilberto Freyre is known to inaugurate the idea that Brazilian players would practice the so-called football art. By sublimation of some elements that make up Brazilian society, such as the Afro-descendant legacy, he described the national football as an aesthetic practice that would stand out individualities and swing. Although some authors contest this view, it has been privileged by the media as a reference of Brazilian national identity. Based on this hypothesis, we were chosen for analysis official vignette FIFA for the opening of the broadcasts of the World Cup 2014, in which we can identify elements belonging to football art.

Keywords: football-art; Brazil; World Cup FIFA; Gilberto Freyre.



1- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JP67IM1LX-M>. Acesso em 28/09/15.

2- Dados observados em 28/09/15.

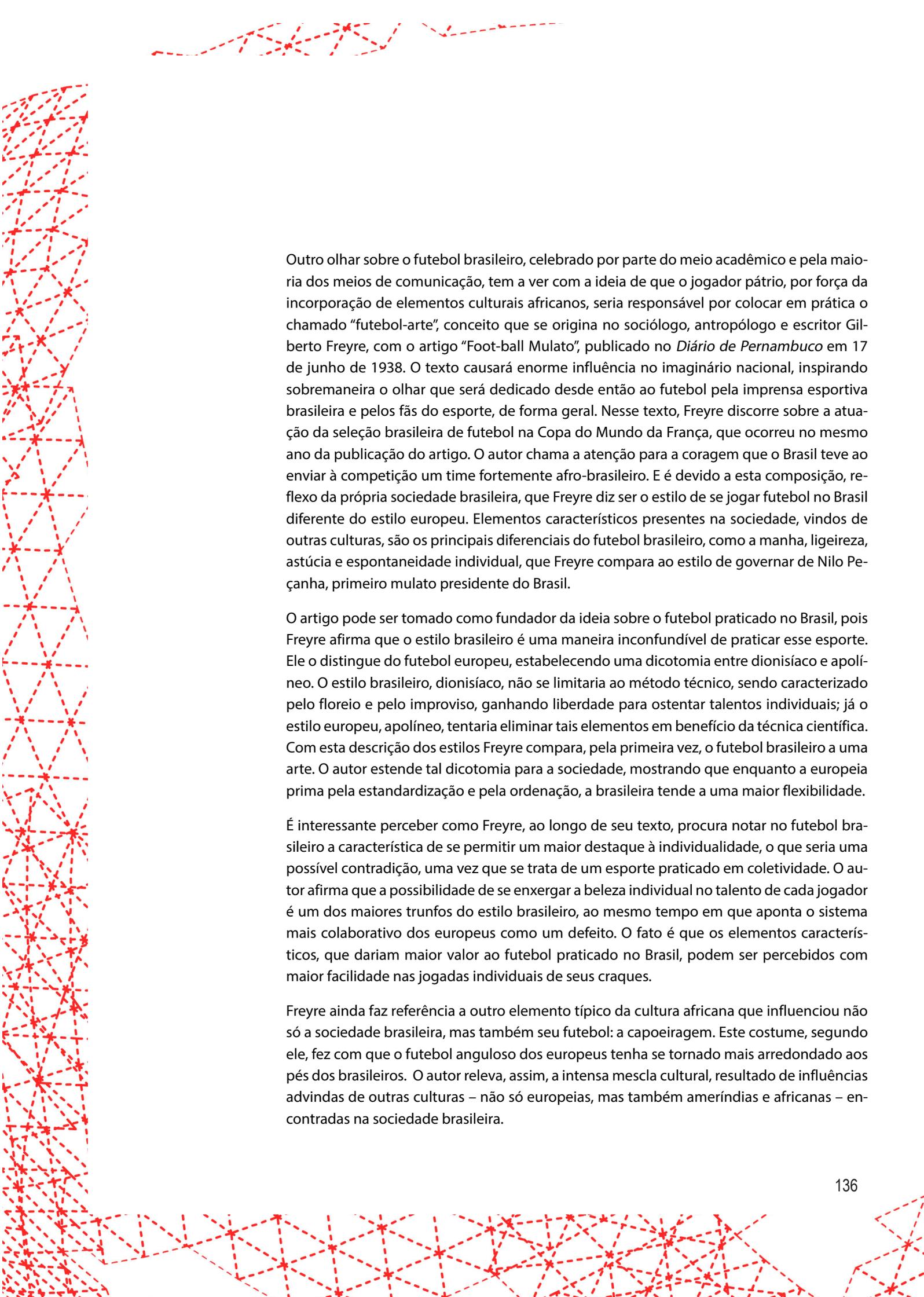
Ao longo da Copa do Mundo FIFA (Federação Internacional de Futebol Associação) disputada no Brasil em 2014, telespectadores de todo o mundo puderam assistir a uma vinheta produzida pela própria TV FIFA e exibida antes do início da transmissão de cada uma das 64 partidas da competição. Intitulado *2014 FIFA World Cup™ – OFFICIAL TV Opening*, o vídeo promocional era composto por uma animação, na qual se apresentavam as sedes e os estádios do torneio. ¹ Só no canal oficial da FIFATV no *Youtube*, pouco mais de um ano após a realização do Mundial, a vinheta havia sido vista mais de 3,5 milhões de vezes, com cerca de 28 mil *likes* (curtidas) e 1.700 *unlikes* (o que representaria apenas 6% de desaprovação por parte dos internautas) ².

Neste artigo, pretendemos efetuar uma análise desta vinheta desenvolvida pela FIFA para a divulgação da Copa do Mundo de 2014. Nosso objetivo é tentar identificar na construção da peça publicitária possíveis traços do “Foot-ball Mulato” do sociólogo Gilberto Freyre, bem como de sua visão sobre a sociedade brasileira. A vinheta, com cerca de 40 segundos de duração, era exibida também nos intervalos de cada partida e foi repetida à exaustão em todas as emissoras, de TV fechada e aberta, durante os 31 dias de duração do Mundial.

O Futebol Brasileiro segundo Gilberto Freyre

Embora tenha sido formalizado e estruturado por meio de regras universais na segunda metade do Século XIX na Inglaterra, o futebol não demorou a ser adotado pela população brasileira como uma modalidade esportiva praticada por indivíduos de diferentes classes sociais, fenômeno que ganhou corpo especialmente ao longo das décadas de 1920 e 1930, como mostram os estudos acadêmicos de José Sérgio Leite Lopes (1998), Waldenir Caldas (1990) e Fábio Franzini (2003), ou contribuições históricas como as de Thomaz Mazzoni (1950) e Bill Murray (2000). Ao longo dos anos, esta modalidade esportiva tornou-se culturalmente característica de um *ethos* brasileiro, tanto na visão da população nacional como estrangeira, tese defendida pelo antropólogo Roberto DaMatta (1994), um dos pioneiros na inclusão do futebol como tema de debate na academia brasileira. Segundo ele, a sociedade brasileira emprestou os traços mais marcantes de sua cultura para moldar o futebol nacional, ao mesmo tempo em que o futebol auxiliou a sociedade a modernizar-se diante das noções de democracia e igualdade social:

[...] embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas ou burgueses, ele, não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares. No fundo, o futebol prova que pode acasalar [...] valores culturais locais, nascidos de uma visão de mundo tradicional e particularista, com uma lógica moderna e universalista. (DAMATTA, 1994, p. 12).

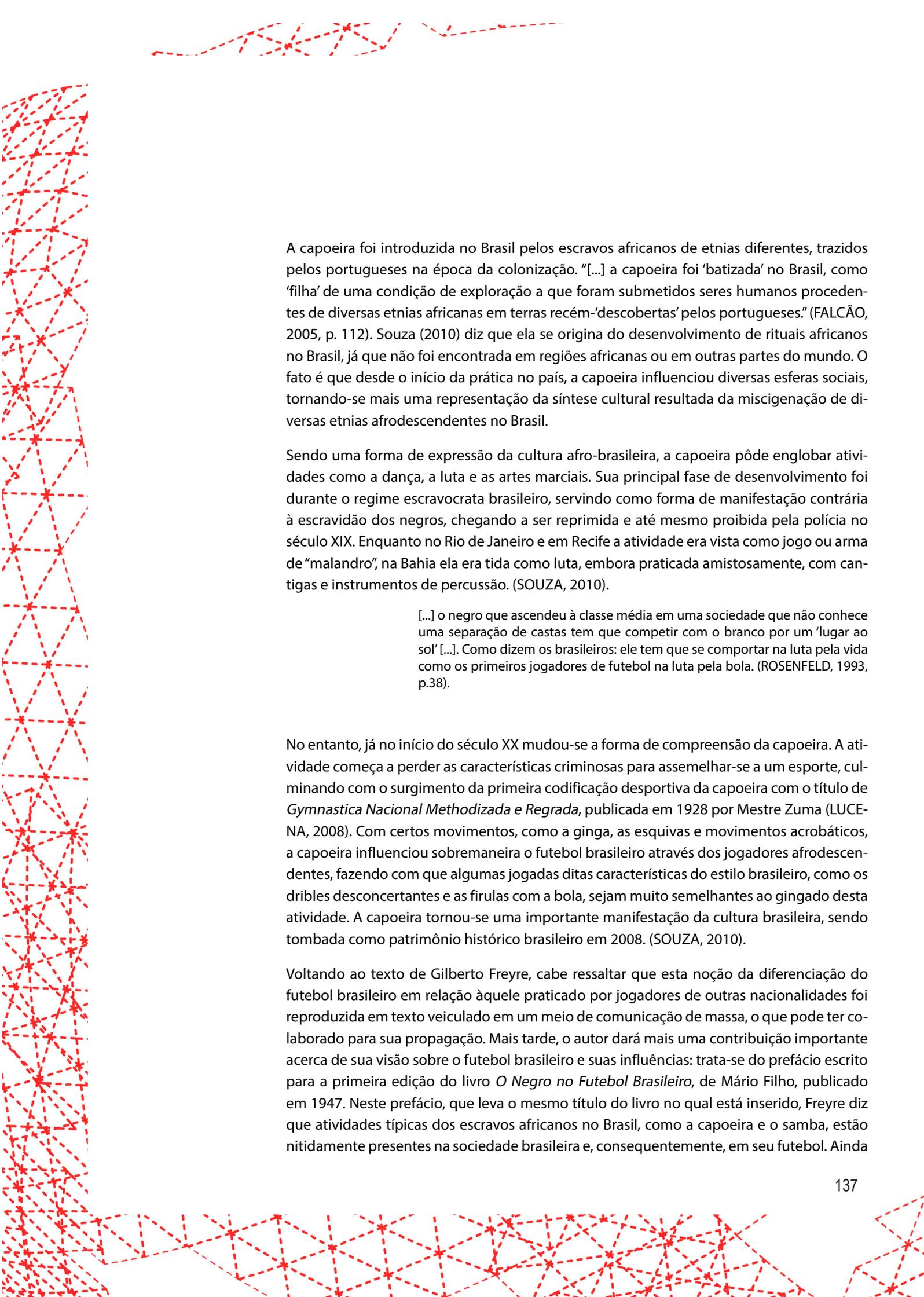


Outro olhar sobre o futebol brasileiro, celebrado por parte do meio acadêmico e pela maioria dos meios de comunicação, tem a ver com a ideia de que o jogador pátrio, por força da incorporação de elementos culturais africanos, seria responsável por colocar em prática o chamado “futebol-arte”, conceito que se origina no sociólogo, antropólogo e escritor Gilberto Freyre, com o artigo “Foot-ball Mulato”, publicado no *Diário de Pernambuco* em 17 de junho de 1938. O texto causará enorme influência no imaginário nacional, inspirando sobremaneira o olhar que será dedicado desde então ao futebol pela imprensa esportiva brasileira e pelos fãs do esporte, de forma geral. Nesse texto, Freyre discorre sobre a atuação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo da França, que ocorreu no mesmo ano da publicação do artigo. O autor chama a atenção para a coragem que o Brasil teve ao enviar à competição um time fortemente afro-brasileiro. E é devido a esta composição, reflexo da própria sociedade brasileira, que Freyre diz ser o estilo de se jogar futebol no Brasil diferente do estilo europeu. Elementos característicos presentes na sociedade, vindos de outras culturas, são os principais diferenciais do futebol brasileiro, como a manha, ligeireza, astúcia e espontaneidade individual, que Freyre compara ao estilo de governar de Nilo Peçanha, primeiro mulato presidente do Brasil.

O artigo pode ser tomado como fundador da ideia sobre o futebol praticado no Brasil, pois Freyre afirma que o estilo brasileiro é uma maneira inconfundível de praticar esse esporte. Ele o distingue do futebol europeu, estabelecendo uma dicotomia entre dionísíaco e apolíneo. O estilo brasileiro, dionísíaco, não se limitaria ao método técnico, sendo caracterizado pelo floreio e pelo improviso, ganhando liberdade para ostentar talentos individuais; já o estilo europeu, apolíneo, tentaria eliminar tais elementos em benefício da técnica científica. Com esta descrição dos estilos Freyre compara, pela primeira vez, o futebol brasileiro a uma arte. O autor estende tal dicotomia para a sociedade, mostrando que enquanto a europeia prima pela standardização e pela ordenação, a brasileira tende a uma maior flexibilidade.

É interessante perceber como Freyre, ao longo de seu texto, procura notar no futebol brasileiro a característica de se permitir um maior destaque à individualidade, o que seria uma possível contradição, uma vez que se trata de um esporte praticado em coletividade. O autor afirma que a possibilidade de se enxergar a beleza individual no talento de cada jogador é um dos maiores trunfos do estilo brasileiro, ao mesmo tempo em que aponta o sistema mais colaborativo dos europeus como um defeito. O fato é que os elementos característicos, que dariam maior valor ao futebol praticado no Brasil, podem ser percebidos com maior facilidade nas jogadas individuais de seus craques.

Freyre ainda faz referência a outro elemento típico da cultura africana que influenciou não só a sociedade brasileira, mas também seu futebol: a capoeiragem. Este costume, segundo ele, fez com que o futebol anguloso dos europeus tenha se tornado mais arredondado aos pés dos brasileiros. O autor releva, assim, a intensa mescla cultural, resultado de influências advindas de outras culturas – não só europeias, mas também ameríndias e africanas – encontradas na sociedade brasileira.



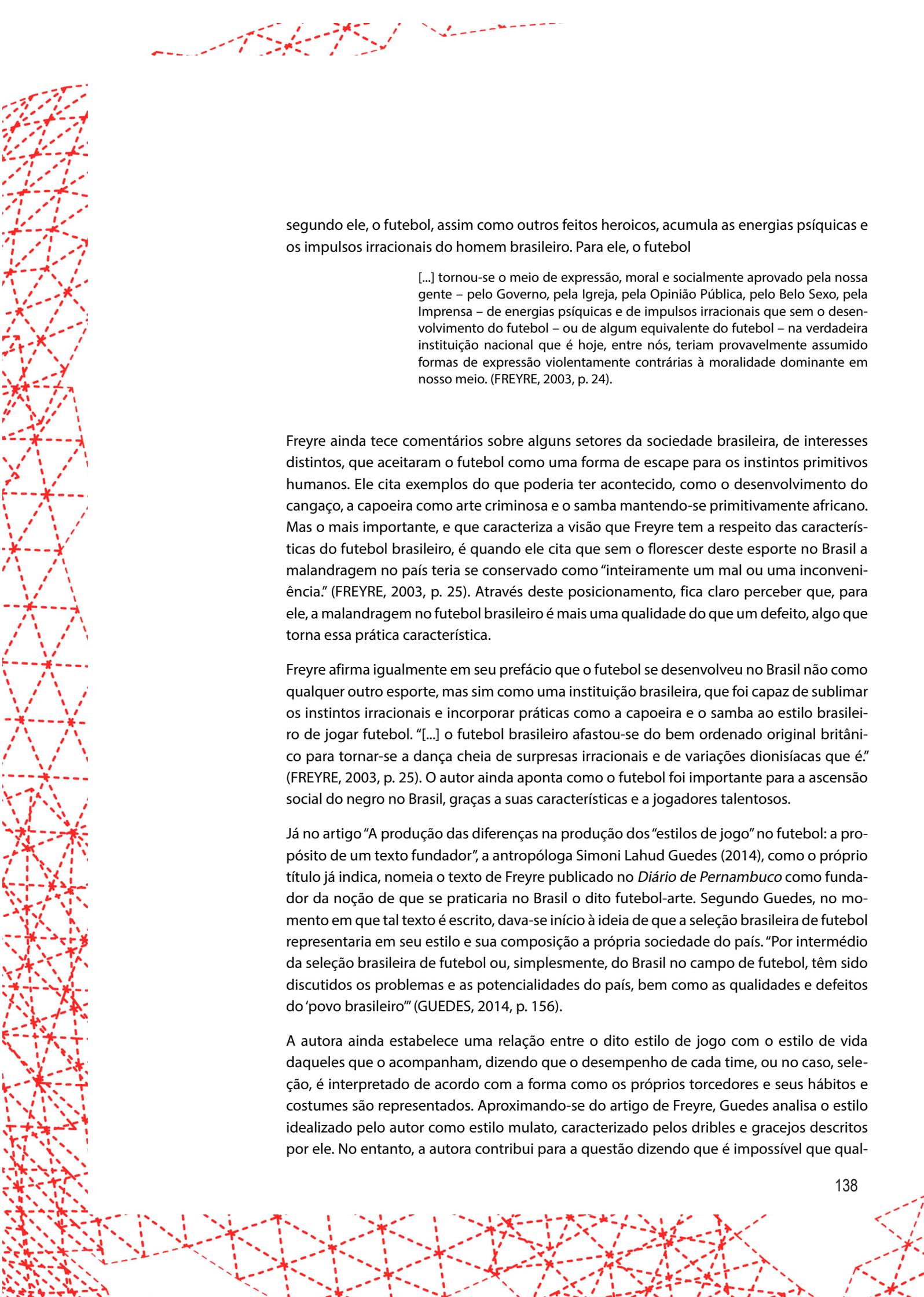
A capoeira foi introduzida no Brasil pelos escravos africanos de etnias diferentes, trazidos pelos portugueses na época da colonização. “[...] a capoeira foi ‘batizada’ no Brasil, como ‘filha’ de uma condição de exploração a que foram submetidos seres humanos procedentes de diversas etnias africanas em terras recém-‘descobertas’ pelos portugueses.” (FALCÃO, 2005, p. 112). Souza (2010) diz que ela se origina do desenvolvimento de rituais africanos no Brasil, já que não foi encontrada em regiões africanas ou em outras partes do mundo. O fato é que desde o início da prática no país, a capoeira influenciou diversas esferas sociais, tornando-se mais uma representação da síntese cultural resultada da miscigenação de diversas etnias afrodescendentes no Brasil.

Sendo uma forma de expressão da cultura afro-brasileira, a capoeira pôde englobar atividades como a dança, a luta e as artes marciais. Sua principal fase de desenvolvimento foi durante o regime escravocrata brasileiro, servindo como forma de manifestação contrária à escravidão dos negros, chegando a ser reprimida e até mesmo proibida pela polícia no século XIX. Enquanto no Rio de Janeiro e em Recife a atividade era vista como jogo ou arma de “malandro”, na Bahia ela era tida como luta, embora praticada amistosamente, com cantigas e instrumentos de percussão. (SOUZA, 2010).

[...] o negro que ascendeu à classe média em uma sociedade que não conhece uma separação de castas tem que competir com o branco por um ‘lugar ao sol’ [...]. Como dizem os brasileiros: ele tem que se comportar na luta pela vida como os primeiros jogadores de futebol na luta pela bola. (ROSENFELD, 1993, p.38).

No entanto, já no início do século XX mudou-se a forma de compreensão da capoeira. A atividade começa a perder as características criminosas para assemelhar-se a um esporte, culminando com o surgimento da primeira codificação desportiva da capoeira com o título de *Gymnastica Nacional Methodizada e Regrada*, publicada em 1928 por Mestre Zuma (LUCE-NA, 2008). Com certos movimentos, como a ginga, as esquivas e movimentos acrobáticos, a capoeira influenciou sobremaneira o futebol brasileiro através dos jogadores afrodescendentes, fazendo com que algumas jogadas ditas características do estilo brasileiro, como os dribles desconcertantes e as firulas com a bola, sejam muito semelhantes ao gingado desta atividade. A capoeira tornou-se uma importante manifestação da cultura brasileira, sendo tombada como patrimônio histórico brasileiro em 2008. (SOUZA, 2010).

Voltando ao texto de Gilberto Freyre, cabe ressaltar que esta noção da diferenciação do futebol brasileiro em relação àquele praticado por jogadores de outras nacionalidades foi reproduzida em texto veiculado em um meio de comunicação de massa, o que pode ter colaborado para sua propagação. Mais tarde, o autor dará mais uma contribuição importante acerca de sua visão sobre o futebol brasileiro e suas influências: trata-se do prefácio escrito para a primeira edição do livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, publicado em 1947. Neste prefácio, que leva o mesmo título do livro no qual está inserido, Freyre diz que atividades típicas dos escravos africanos no Brasil, como a capoeira e o samba, estão nitidamente presentes na sociedade brasileira e, conseqüentemente, em seu futebol. Ainda



segundo ele, o futebol, assim como outros feitos heroicos, acumula as energias psíquicas e os impulsos irracionais do homem brasileiro. Para ele, o futebol

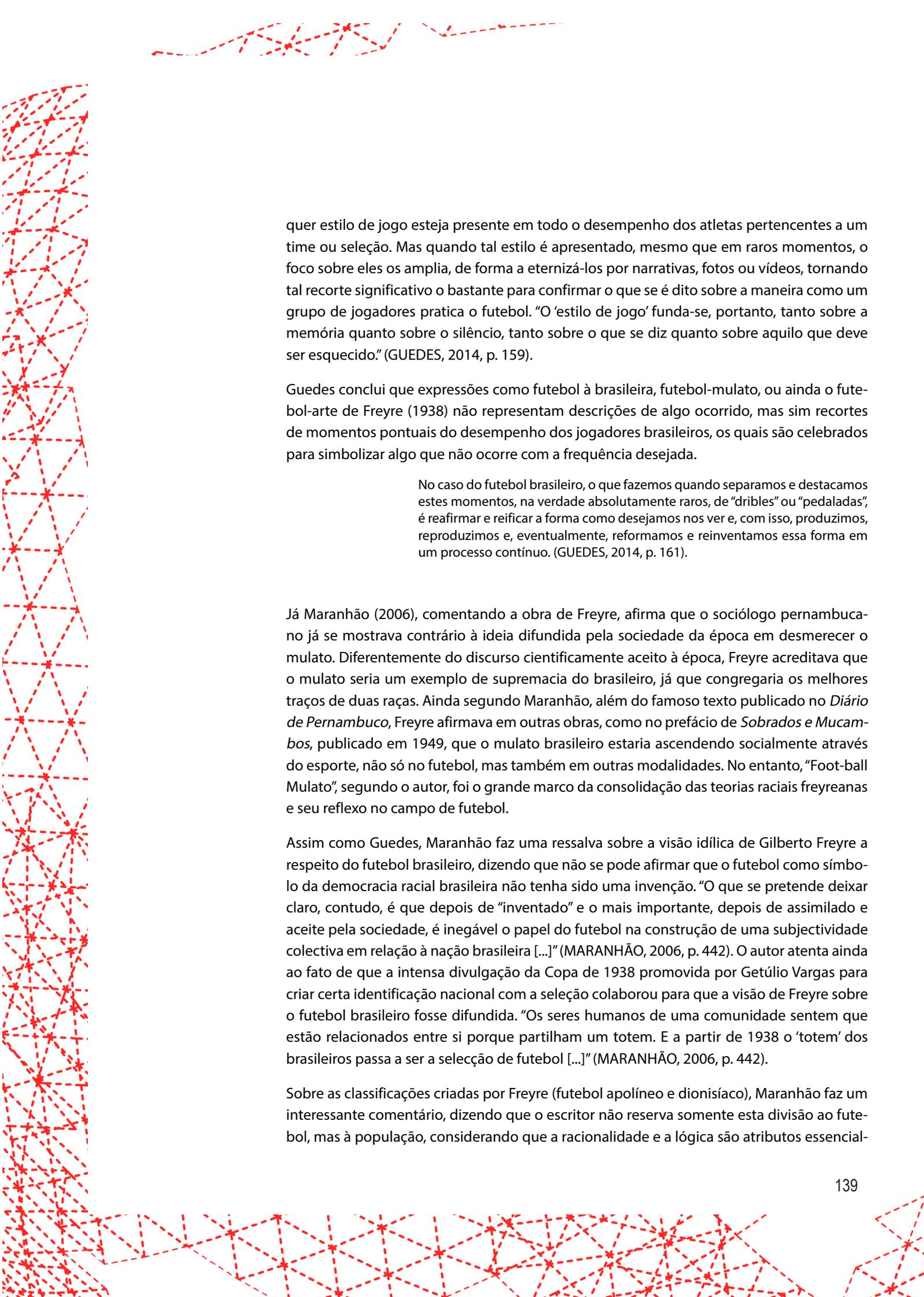
[...] tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente do futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio. (FREYRE, 2003, p. 24).

Freyre ainda tece comentários sobre alguns setores da sociedade brasileira, de interesses distintos, que aceitaram o futebol como uma forma de escape para os instintos primitivos humanos. Ele cita exemplos do que poderia ter acontecido, como o desenvolvimento do cangaço, a capoeira como arte criminosa e o samba mantendo-se primitivamente africano. Mas o mais importante, e que caracteriza a visão que Freyre tem a respeito das características do futebol brasileiro, é quando ele cita que sem o florescer deste esporte no Brasil a malandragem no país teria se conservado como “inteiramente um mal ou uma inconveniência.” (FREYRE, 2003, p. 25). Através deste posicionamento, fica claro perceber que, para ele, a malandragem no futebol brasileiro é mais uma qualidade do que um defeito, algo que torna essa prática característica.

Freyre afirma igualmente em seu prefácio que o futebol se desenvolveu no Brasil não como qualquer outro esporte, mas sim como uma instituição brasileira, que foi capaz de sublimar os instintos irracionais e incorporar práticas como a capoeira e o samba ao estilo brasileiro de jogar futebol. “[...] o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionísicas que é.” (FREYRE, 2003, p. 25). O autor ainda aponta como o futebol foi importante para a ascensão social do negro no Brasil, graças a suas características e a jogadores talentosos.

Já no artigo “A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol: a propósito de um texto fundador”, a antropóloga Simoni Lahud Guedes (2014), como o próprio título já indica, nomeia o texto de Freyre publicado no *Diário de Pernambuco* como fundador da noção de que se praticaria no Brasil o dito futebol-arte. Segundo Guedes, no momento em que tal texto é escrito, dava-se início à ideia de que a seleção brasileira de futebol representaria em seu estilo e sua composição a própria sociedade do país. “Por intermédio da seleção brasileira de futebol ou, simplesmente, do Brasil no campo de futebol, têm sido discutidos os problemas e as potencialidades do país, bem como as qualidades e defeitos do ‘povo brasileiro’” (GUEDES, 2014, p. 156).

A autora ainda estabelece uma relação entre o dito estilo de jogo com o estilo de vida daqueles que o acompanham, dizendo que o desempenho de cada time, ou no caso, seleção, é interpretado de acordo com a forma como os próprios torcedores e seus hábitos e costumes são representados. Aproximando-se do artigo de Freyre, Guedes analisa o estilo idealizado pelo autor como estilo mulato, caracterizado pelos dribles e gracejos descritos por ele. No entanto, a autora contribui para a questão dizendo que é impossível que qual-



quer estilo de jogo esteja presente em todo o desempenho dos atletas pertencentes a um time ou seleção. Mas quando tal estilo é apresentado, mesmo que em raros momentos, o foco sobre eles os amplia, de forma a eternizá-los por narrativas, fotos ou vídeos, tornando tal recorte significativo o bastante para confirmar o que se é dito sobre a maneira como um grupo de jogadores pratica o futebol. “O ‘estilo de jogo’ funda-se, portanto, tanto sobre a memória quanto sobre o silêncio, tanto sobre o que se diz quanto sobre aquilo que deve ser esquecido.” (GUEDES, 2014, p. 159).

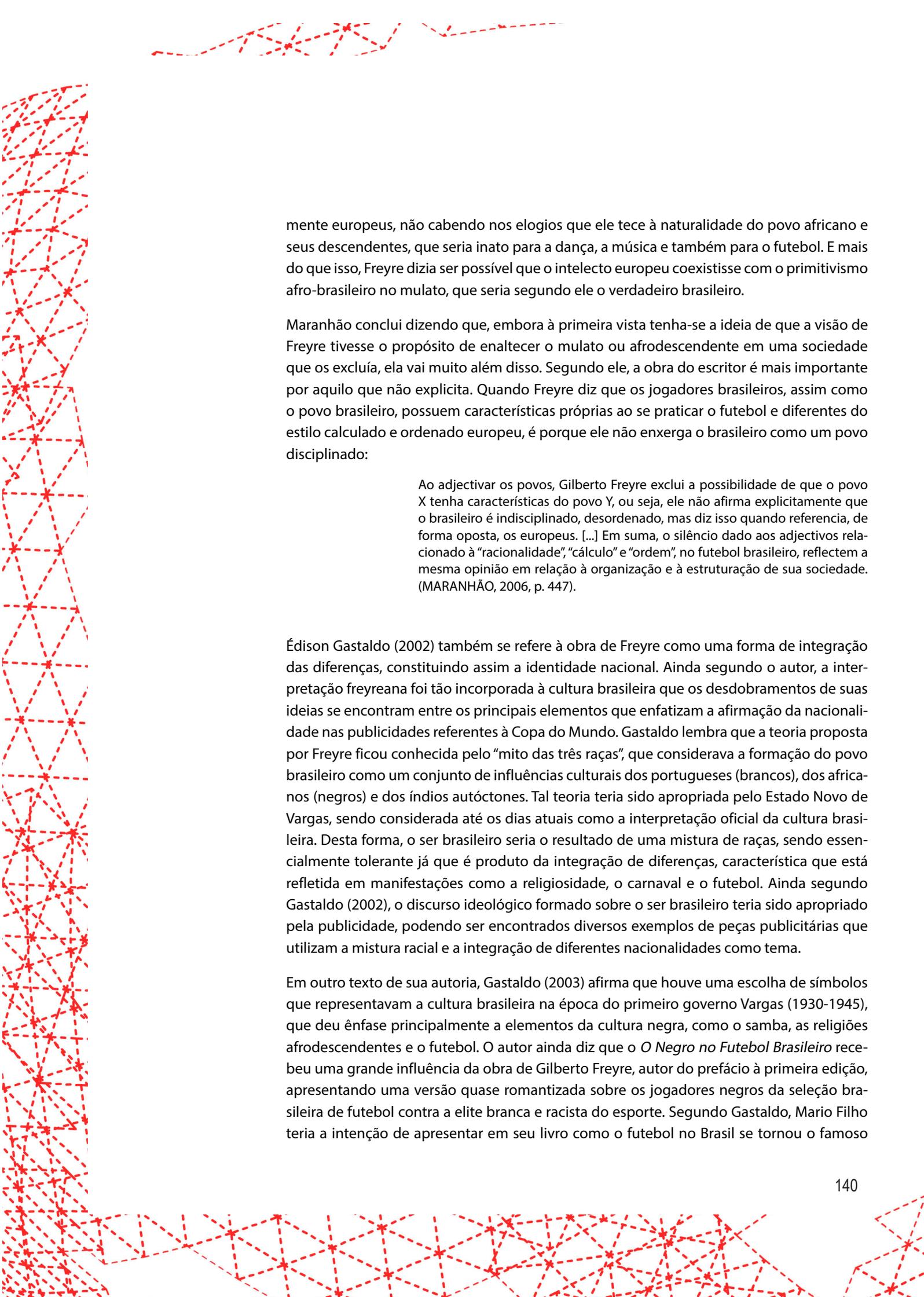
Guedes conclui que expressões como futebol à brasileira, futebol-mulato, ou ainda o futebol-arte de Freyre (1938) não representam descrições de algo ocorrido, mas sim recortes de momentos pontuais do desempenho dos jogadores brasileiros, os quais são celebrados para simbolizar algo que não ocorre com a frequência desejada.

No caso do futebol brasileiro, o que fazemos quando separamos e destacamos estes momentos, na verdade absolutamente raros, de “dribles” ou “pedaladas”, é reafirmar e reificar a forma como desejamos nos ver e, com isso, produzimos, reproduzimos e, eventualmente, reformamos e reinventamos essa forma em um processo contínuo. (GUEDES, 2014, p. 161).

Já Maranhão (2006), comentando a obra de Freyre, afirma que o sociólogo pernambucano já se mostrava contrário à ideia difundida pela sociedade da época em desmerecer o mulato. Diferentemente do discurso cientificamente aceito à época, Freyre acreditava que o mulato seria um exemplo de supremacia do brasileiro, já que congregaria os melhores traços de duas raças. Ainda segundo Maranhão, além do famoso texto publicado no *Diário de Pernambuco*, Freyre afirmava em outras obras, como no prefácio de *Sobrados e Mucambos*, publicado em 1949, que o mulato brasileiro estaria ascendendo socialmente através do esporte, não só no futebol, mas também em outras modalidades. No entanto, “Foot-ball Mulato”, segundo o autor, foi o grande marco da consolidação das teorias raciais freyreanas e seu reflexo no campo de futebol.

Assim como Guedes, Maranhão faz uma ressalva sobre a visão idílica de Gilberto Freyre a respeito do futebol brasileiro, dizendo que não se pode afirmar que o futebol como símbolo da democracia racial brasileira não tenha sido uma invenção. “O que se pretende deixar claro, contudo, é que depois de “inventado” e o mais importante, depois de assimilado e aceite pela sociedade, é inegável o papel do futebol na construção de uma subjectividade colectiva em relação à nação brasileira [...]” (MARANHÃO, 2006, p. 442). O autor atenta ainda ao fato de que a intensa divulgação da Copa de 1938 promovida por Getúlio Vargas para criar certa identificação nacional com a seleção colaborou para que a visão de Freyre sobre o futebol brasileiro fosse difundida. “Os seres humanos de uma comunidade sentem que estão relacionados entre si porque partilham um totem. E a partir de 1938 o ‘totem’ dos brasileiros passa a ser a seleção de futebol [...]” (MARANHÃO, 2006, p. 442).

Sobre as classificações criadas por Freyre (futebol apolíneo e dionisiaco), Maranhão faz um interessante comentário, dizendo que o escritor não reserva somente esta divisão ao futebol, mas à população, considerando que a racionalidade e a lógica são atributos essencial-



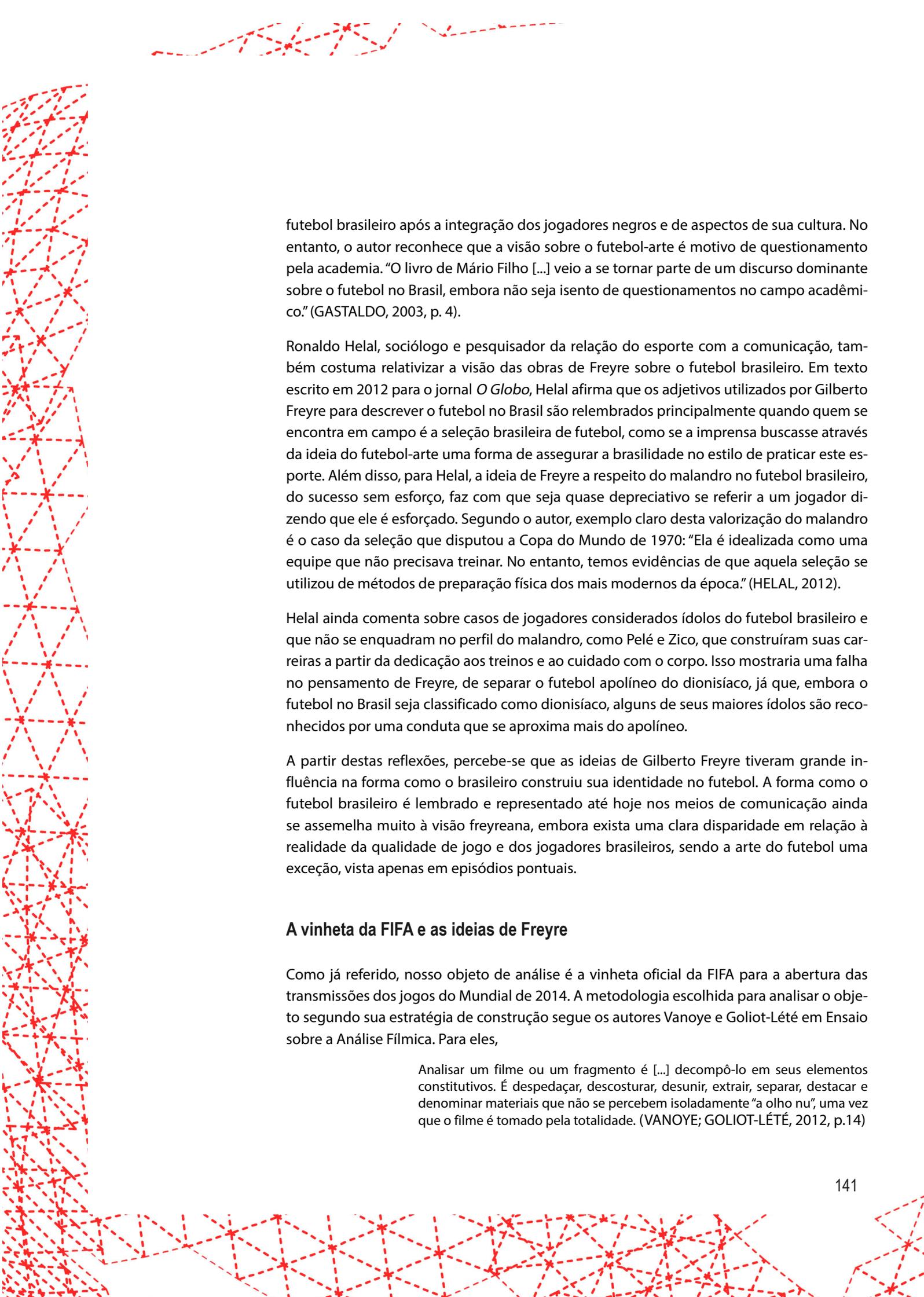
mente europeus, não cabendo nos elogios que ele tece à naturalidade do povo africano e seus descendentes, que seria inato para a dança, a música e também para o futebol. E mais do que isso, Freyre dizia ser possível que o intelecto europeu coexistisse com o primitivismo afro-brasileiro no mulato, que seria segundo ele o verdadeiro brasileiro.

Maranhão conclui dizendo que, embora à primeira vista tenha-se a ideia de que a visão de Freyre tivesse o propósito de enaltecer o mulato ou afrodescendente em uma sociedade que os excluía, ela vai muito além disso. Segundo ele, a obra do escritor é mais importante por aquilo que não explicita. Quando Freyre diz que os jogadores brasileiros, assim como o povo brasileiro, possuem características próprias ao se praticar o futebol e diferentes do estilo calculado e ordenado europeu, é porque ele não enxerga o brasileiro como um povo disciplinado:

Ao adjectivar os povos, Gilberto Freyre exclui a possibilidade de que o povo X tenha características do povo Y, ou seja, ele não afirma explicitamente que o brasileiro é indisciplinado, desordenado, mas diz isso quando referencia, de forma oposta, os europeus. [...] Em suma, o silêncio dado aos adjectivos relacionado à “racionalidade”, “cálculo” e “ordem”, no futebol brasileiro, reflectem a mesma opinião em relação à organização e à estruturação de sua sociedade. (MARANHÃO, 2006, p. 447).

Édison Gastaldo (2002) também se refere à obra de Freyre como uma forma de integração das diferenças, constituindo assim a identidade nacional. Ainda segundo o autor, a interpretação freyreana foi tão incorporada à cultura brasileira que os desdobramentos de suas ideias se encontram entre os principais elementos que enfatizam a afirmação da nacionalidade nas publicidades referentes à Copa do Mundo. Gastaldo lembra que a teoria proposta por Freyre ficou conhecida pelo “mito das três raças”, que considerava a formação do povo brasileiro como um conjunto de influências culturais dos portugueses (brancos), dos africanos (negros) e dos índios autóctones. Tal teoria teria sido apropriada pelo Estado Novo de Vargas, sendo considerada até os dias atuais como a interpretação oficial da cultura brasileira. Desta forma, o ser brasileiro seria o resultado de uma mistura de raças, sendo essencialmente tolerante já que é produto da integração de diferenças, característica que está refletida em manifestações como a religiosidade, o carnaval e o futebol. Ainda segundo Gastaldo (2002), o discurso ideológico formado sobre o ser brasileiro teria sido apropriado pela publicidade, podendo ser encontrados diversos exemplos de peças publicitárias que utilizam a mistura racial e a integração de diferentes nacionalidades como tema.

Em outro texto de sua autoria, Gastaldo (2003) afirma que houve uma escolha de símbolos que representavam a cultura brasileira na época do primeiro governo Vargas (1930-1945), que deu ênfase principalmente a elementos da cultura negra, como o samba, as religiões afrodescendentes e o futebol. O autor ainda diz que o *O Negro no Futebol Brasileiro* recebeu uma grande influência da obra de Gilberto Freyre, autor do prefácio à primeira edição, apresentando uma versão quase romantizada sobre os jogadores negros da seleção brasileira de futebol contra a elite branca e racista do esporte. Segundo Gastaldo, Mario Filho teria a intenção de apresentar em seu livro como o futebol no Brasil se tornou o famoso



futebol brasileiro após a integração dos jogadores negros e de aspectos de sua cultura. No entanto, o autor reconhece que a visão sobre o futebol-arte é motivo de questionamento pela academia. “O livro de Mário Filho [...] veio a se tornar parte de um discurso dominante sobre o futebol no Brasil, embora não seja isento de questionamentos no campo acadêmico.” (GASTALDO, 2003, p. 4).

Ronaldo Helal, sociólogo e pesquisador da relação do esporte com a comunicação, também costuma relativizar a visão das obras de Freyre sobre o futebol brasileiro. Em texto escrito em 2012 para o jornal *O Globo*, Helal afirma que os adjetivos utilizados por Gilberto Freyre para descrever o futebol no Brasil são lembrados principalmente quando quem se encontra em campo é a seleção brasileira de futebol, como se a imprensa buscasse através da ideia do futebol-arte uma forma de assegurar a brasilidade no estilo de praticar este esporte. Além disso, para Helal, a ideia de Freyre a respeito do malandro no futebol brasileiro, do sucesso sem esforço, faz com que seja quase depreciativo se referir a um jogador dizendo que ele é esforçado. Segundo o autor, exemplo claro desta valorização do malandro é o caso da seleção que disputou a Copa do Mundo de 1970: “Ela é idealizada como uma equipe que não precisava treinar. No entanto, temos evidências de que aquela seleção se utilizou de métodos de preparação física dos mais modernos da época.” (HELAL, 2012).

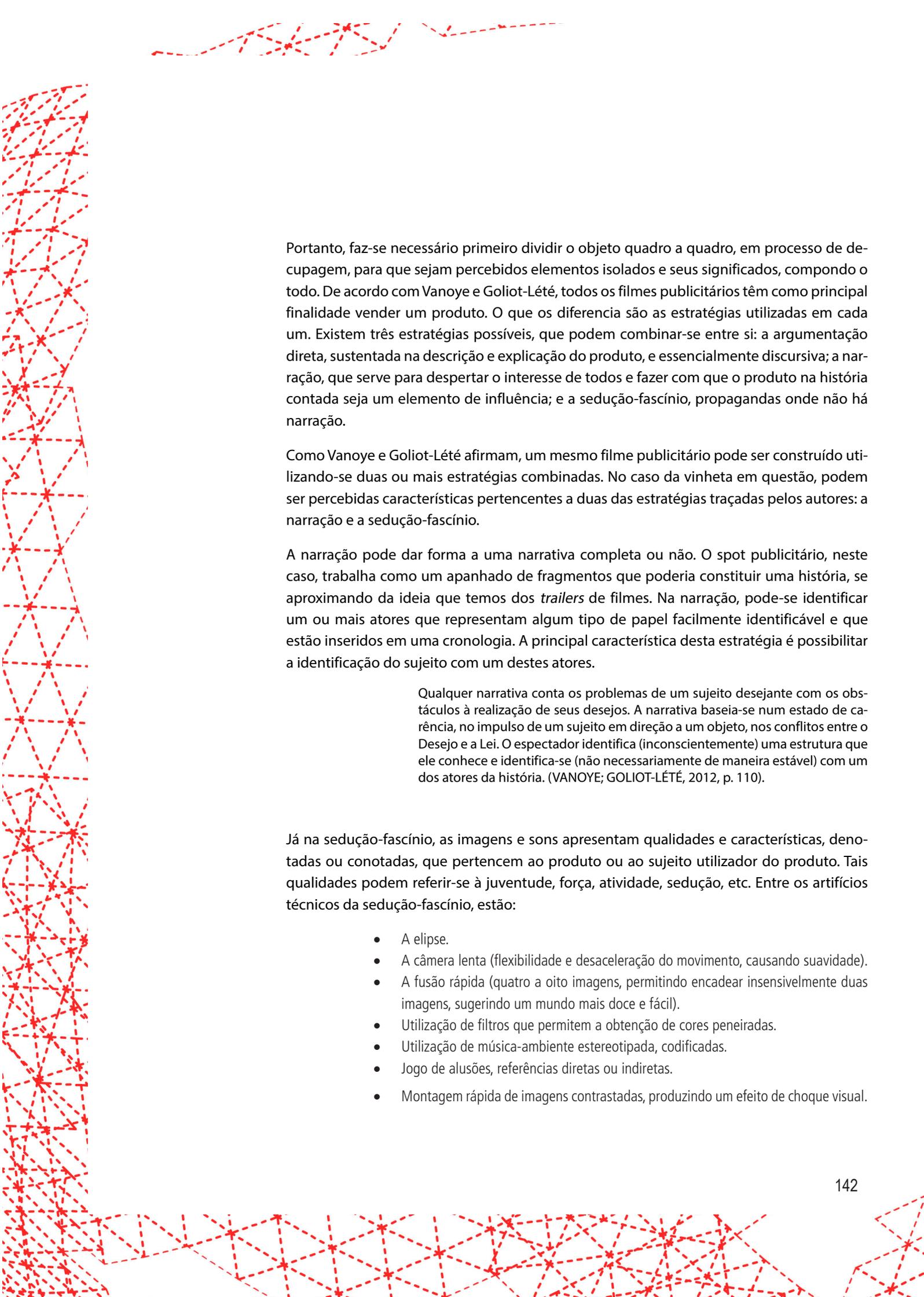
Helal ainda comenta sobre casos de jogadores considerados ídolos do futebol brasileiro e que não se enquadram no perfil do malandro, como Pelé e Zico, que construíram suas carreiras a partir da dedicação aos treinos e ao cuidado com o corpo. Isso mostraria uma falha no pensamento de Freyre, de separar o futebol apolíneo do dionisíaco, já que, embora o futebol no Brasil seja classificado como dionisíaco, alguns de seus maiores ídolos são reconhecidos por uma conduta que se aproxima mais do apolíneo.

A partir destas reflexões, percebe-se que as ideias de Gilberto Freyre tiveram grande influência na forma como o brasileiro construiu sua identidade no futebol. A forma como o futebol brasileiro é lembrado e representado até hoje nos meios de comunicação ainda se assemelha muito à visão freyreana, embora exista uma clara disparidade em relação à realidade da qualidade de jogo e dos jogadores brasileiros, sendo a arte do futebol uma exceção, vista apenas em episódios pontuais.

A vinheta da FIFA e as ideias de Freyre

Como já referido, nosso objeto de análise é a vinheta oficial da FIFA para a abertura das transmissões dos jogos do Mundial de 2014. A metodologia escolhida para analisar o objeto segundo sua estratégia de construção segue os autores Vanoye e Goliot-Lété em Ensaio sobre a Análise Fílmica. Para eles,

Analisar um filme ou um fragmento é [...] decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, uma vez que o filme é tomado pela totalidade. (VANOYE; GOLLOT-LÉTÉ, 2012, p.14)



Portanto, faz-se necessário primeiro dividir o objeto quadro a quadro, em processo de decupagem, para que sejam percebidos elementos isolados e seus significados, compondo o todo. De acordo com Vanoye e Goliot-Lété, todos os filmes publicitários têm como principal finalidade vender um produto. O que os diferencia são as estratégias utilizadas em cada um. Existem três estratégias possíveis, que podem combinar-se entre si: a argumentação direta, sustentada na descrição e explicação do produto, e essencialmente discursiva; a narração, que serve para despertar o interesse de todos e fazer com que o produto na história contada seja um elemento de influência; e a sedução-fascínio, propagandas onde não há narração.

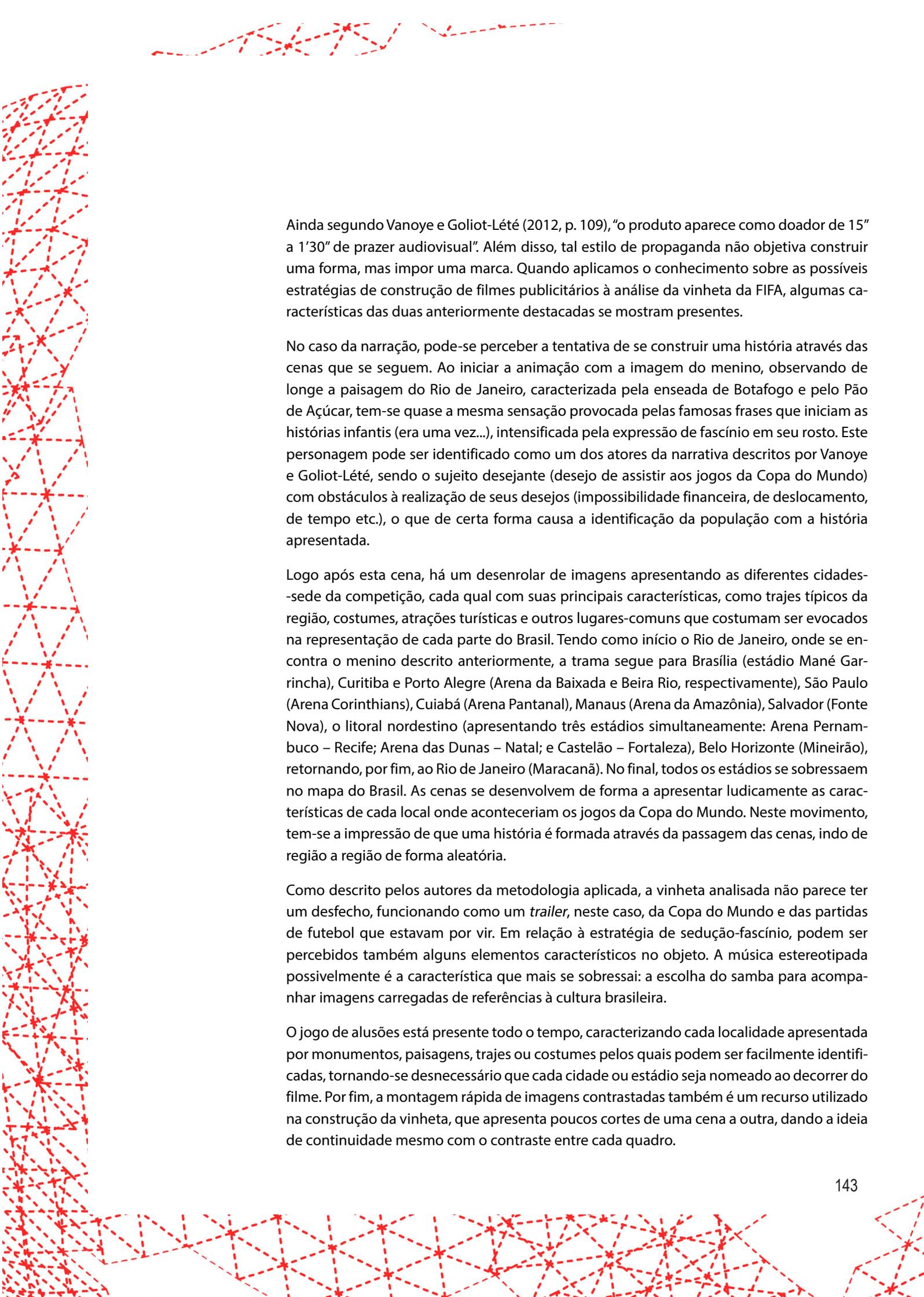
Como Vanoye e Goliot-Lété afirmam, um mesmo filme publicitário pode ser construído utilizando-se duas ou mais estratégias combinadas. No caso da vinheta em questão, podem ser percebidas características pertencentes a duas das estratégias traçadas pelos autores: a narração e a sedução-fascínio.

A narração pode dar forma a uma narrativa completa ou não. O spot publicitário, neste caso, trabalha como um apanhado de fragmentos que poderia constituir uma história, se aproximando da ideia que temos dos *trailers* de filmes. Na narração, pode-se identificar um ou mais atores que representam algum tipo de papel facilmente identificável e que estão inseridos em uma cronologia. A principal característica desta estratégia é possibilitar a identificação do sujeito com um destes atores.

Qualquer narrativa conta os problemas de um sujeito desejante com os obstáculos à realização de seus desejos. A narrativa baseia-se num estado de carência, no impulso de um sujeito em direção a um objeto, nos conflitos entre o Desejo e a Lei. O espectador identifica (inconscientemente) uma estrutura que ele conhece e identifica-se (não necessariamente de maneira estável) com um dos atores da história. (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2012, p. 110).

Já na sedução-fascínio, as imagens e sons apresentam qualidades e características, denotadas ou conotadas, que pertencem ao produto ou ao sujeito utilizador do produto. Tais qualidades podem referir-se à juventude, força, atividade, sedução, etc. Entre os artifícios técnicos da sedução-fascínio, estão:

- A elipse.
- A câmera lenta (flexibilidade e desaceleração do movimento, causando suavidade).
- A fusão rápida (quatro a oito imagens, permitindo encadear insensivelmente duas imagens, sugerindo um mundo mais doce e fácil).
- Utilização de filtros que permitem a obtenção de cores peneiradas.
- Utilização de música-ambiente estereotipada, codificadas.
- Jogo de alusões, referências diretas ou indiretas.
- Montagem rápida de imagens contrastadas, produzindo um efeito de choque visual.



Ainda segundo Vanoye e Goliot-Lété (2012, p. 109), “o produto aparece como doador de 15” a 1’30” de prazer audiovisual”. Além disso, tal estilo de propaganda não objetiva construir uma forma, mas impor uma marca. Quando aplicamos o conhecimento sobre as possíveis estratégias de construção de filmes publicitários à análise da vinheta da FIFA, algumas características das duas anteriormente destacadas se mostram presentes.

No caso da narração, pode-se perceber a tentativa de se construir uma história através das cenas que se seguem. Ao iniciar a animação com a imagem do menino, observando de longe a paisagem do Rio de Janeiro, caracterizada pela enseada de Botafogo e pelo Pão de Açúcar, tem-se quase a mesma sensação provocada pelas famosas frases que iniciam as histórias infantis (era uma vez...), intensificada pela expressão de fascínio em seu rosto. Este personagem pode ser identificado como um dos atores da narrativa descritos por Vanoye e Goliot-Lété, sendo o sujeito desejante (desejo de assistir aos jogos da Copa do Mundo) com obstáculos à realização de seus desejos (impossibilidade financeira, de deslocamento, de tempo etc.), o que de certa forma causa a identificação da população com a história apresentada.

Logo após esta cena, há um desenrolar de imagens apresentando as diferentes cidades-sede da competição, cada qual com suas principais características, como trajes típicos da região, costumes, atrações turísticas e outros lugares-comuns que costumam ser evocados na representação de cada parte do Brasil. Tendo como início o Rio de Janeiro, onde se encontra o menino descrito anteriormente, a trama segue para Brasília (estádio Mané Garrincha), Curitiba e Porto Alegre (Arena da Baixada e Beira Rio, respectivamente), São Paulo (Arena Corinthians), Cuiabá (Arena Pantanal), Manaus (Arena da Amazônia), Salvador (Fonte Nova), o litoral nordestino (apresentando três estádios simultaneamente: Arena Pernambuco – Recife; Arena das Dunas – Natal; e Castelão – Fortaleza), Belo Horizonte (Mineirão), retornando, por fim, ao Rio de Janeiro (Maracanã). No final, todos os estádios se sobressaem no mapa do Brasil. As cenas se desenvolvem de forma a apresentar ludicamente as características de cada local onde aconteceriam os jogos da Copa do Mundo. Neste movimento, tem-se a impressão de que uma história é formada através da passagem das cenas, indo de região a região de forma aleatória.

Como descrito pelos autores da metodologia aplicada, a vinheta analisada não parece ter um desfecho, funcionando como um *trailer*, neste caso, da Copa do Mundo e das partidas de futebol que estavam por vir. Em relação à estratégia de sedução-fascínio, podem ser percebidos também alguns elementos característicos no objeto. A música estereotipada possivelmente é a característica que mais se sobressai: a escolha do samba para acompanhar imagens carregadas de referências à cultura brasileira.

O jogo de alusões está presente todo o tempo, caracterizando cada localidade apresentada por monumentos, paisagens, trajes ou costumes pelos quais podem ser facilmente identificadas, tornando-se desnecessário que cada cidade ou estádio seja nomeado ao decorrer do filme. Por fim, a montagem rápida de imagens contrastadas também é um recurso utilizado na construção da vinheta, que apresenta poucos cortes de uma cena a outra, dando a ideia de continuidade mesmo com o contraste entre cada quadro.

Identificadas as estratégias utilizadas na construção da vinheta, a análise se dirige neste momento para a ideia inaugurada e propagada por Gilberto Freyre a respeito do futebol brasileiro e sua influência na composição do filme publicitário da FIFA. Algo claramente visível é a caracterização da população brasileira que aparece na animação. O primeiro personagem que se apresenta é exatamente o mulato, a quem Freyre faz referência o tempo todo nos textos já citados. Além disso, sua primeira ação na cena de abertura da vinheta é brincar de chutar a bola, como se fosse algo comum em seu cotidiano.



Figura 1: Menino mulato brincando de bola no Rio de Janeiro (RJ).

Fonte: Vinheta oficial de abertura dos jogos - FIFA

Outra característica do futebol brasileiro descrita por Freyre que está presente na vinheta é sua relação com o samba. Durante toda a animação, a trilha sonora que acompanha as imagens é composta por este ritmo, assemelhando-se às músicas executadas pelas escolas de samba. Além disso, a ausência de letra, substituída por vocalizações, assemelha-se a algumas músicas executadas em jogos de capoeira, outra prática relacionada ao futebol segundo Freyre.

Assim como a visão de Freyre a respeito da relação do brasileiro com o futebol, não somente nesta primeira cena, mas no decorrer da animação, é possível perceber que a prática deste esporte no Brasil foi retratada, quase que inteiramente, como uma brincadeira comumente praticada pelos habitantes do país. O caráter de festa do futebol brasileiro, tão enfatizado por Gilberto Freyre quando comparado à frieza do europeu, é predominante na composição da vinheta. Isso pode ser percebido em cenas como a disputa de bola nas ruas de São Paulo, ou o jogo de futevôlei nas areias das praias nordestinas, em que pessoas comuns jogam o futebol como forma de divertimento. Neste caso, são evidentes os adjetivos empregados pelo autor para caracterizar o futebol no Brasil, como a surpresa, a manha, a ligeireza, a astúcia e a espontaneidade individual, além do jogo de pernas e de movimentos corporais próximos ao da capoeira.



Figura 2: Disputa de bola nas ruas de São Paulo (SP).

Fonte: Vinheta oficial de abertura dos jogos – FIFA.

Na animação também é claramente perceptível a ligação direta entre a Copa do Mundo e a festa no país, deixando de lado a tensão e seriedade típicas da preparação para uma competição a nível mundial. Mesmo quando são mostrados outros elementos culturais brasileiros, isso é feito também de forma festiva, como se durante a Copa do Mundo de 2014 a população do país estivesse em constante celebração, esquecendo-se de qualquer problema ou contratempo, o que, ao se analisar todo o contexto de sua realização no Brasil, não condiz com a realidade. Isso parece representar a ideia que Freyre tinha a respeito da função de sublimação que o futebol exercia na sociedade brasileira. Segundo o autor, o futebol funcionaria como uma forma de escape para os instintos irracionais do ser humano, e especificamente neste caso, do cidadão brasileiro. Na vinheta, é esta a impressão que temos a respeito da Copa do Mundo no Brasil: um evento que consegue sublimar o ser brasileiro, independente de quaisquer problemas ocorridos ou que ocorrem nos demais setores sociais.



Figura 3: Festa no Pelourinho em Salvador (BA).

Fonte: Vinheta oficial de abertura dos jogos – FIFA.

Por fim, nota-se que a valorização do negro na sociedade brasileira ainda aparece relacionada ao futebol, como acreditava Freyre. Assim como o menino mulato que aparece no início da animação, os personagens que se destacam na vinheta são negros ou mulatos, como a mãe e as duas crianças que observam a Arena da Baixada e o Beira Rio, ou o cidadão que consegue recuperar a bola em uma brincadeira nas ruas de São Paulo.



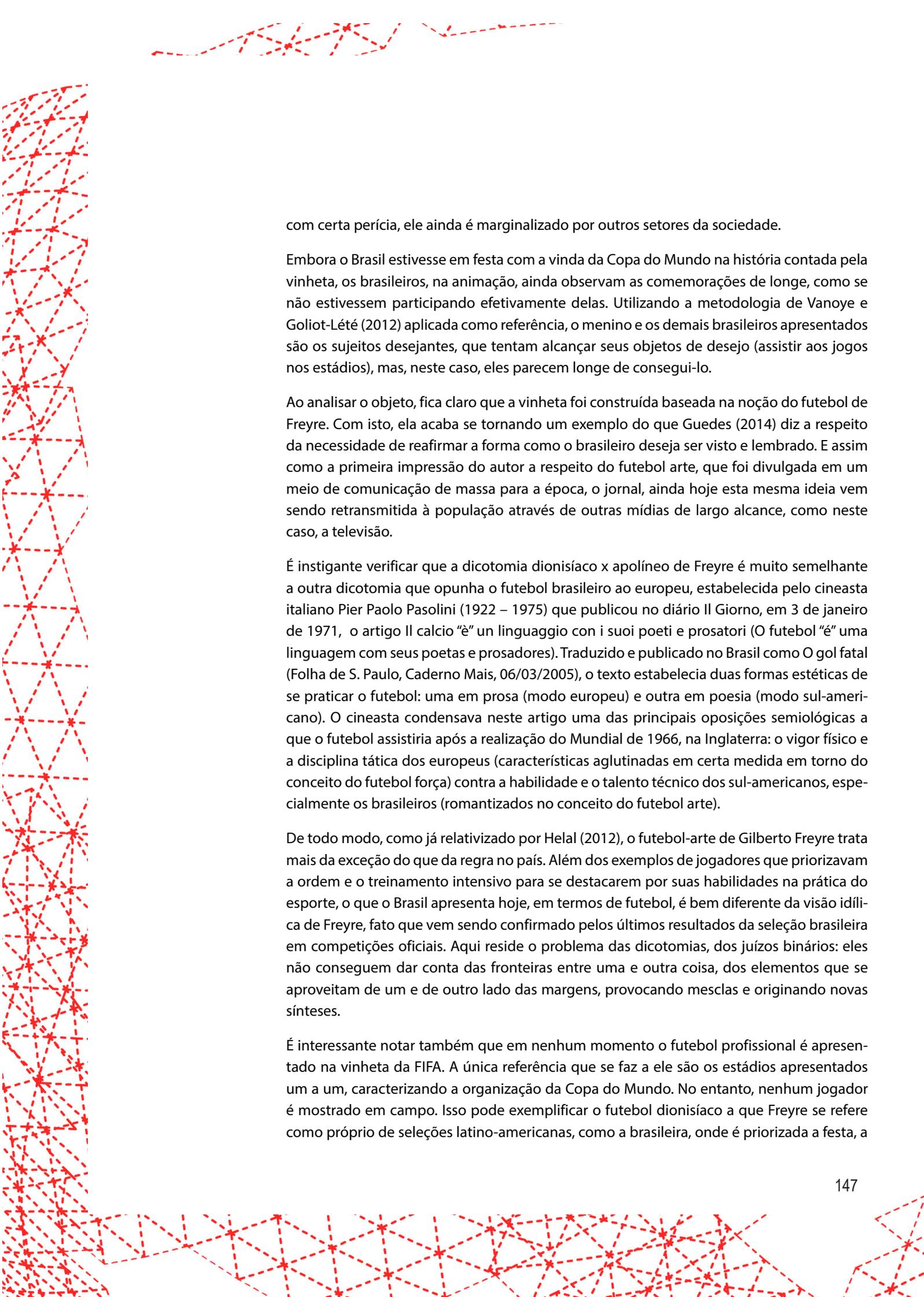
Figura 4: Mãe e filhos observam os estádios de Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS).

Fonte: Vinheta oficial de abertura dos jogos – FIFA.

Considerações Finais

Por meio dos textos que exprimem a visão de Gilberto Freyre sobre o futebol brasileiro e sua relação com a cultura e a sociedade do país, e da percepção de outros autores sobre suas ideias, surgem algumas conclusões. Embora a ideia do futebol-arte seja aparentemente predominante na sociedade, principalmente na imprensa, pesquisadores acadêmicos começam a refutá-la, provando ser uma exceção – e não a regra –, com episódios pontuais em vez de performances constantes. A vinheta da FIFA, analisada neste estudo, é um claro exemplo de como o futebol no Brasil ainda é idealizado segundo a visão de Freyre. Isso reforça a ideia de Gastaldo (2002) sobre a apropriação pela publicidade dos elementos pertencentes às noções freyreanas a respeito do futebol brasileiro, como uma forma de enfatizar a questão da nacionalidade.

No entanto, alguns pontos da animação acabam por denunciar certos paradoxos típicos da sociedade brasileira, silenciados em certa medida no texto freyreano. Um deles é o fato de que o menino mulato, embora se encontre em posição de destaque na vinheta, apresenta-se em uma favela, a uma distância considerável do local onde a Copa do Mundo está sendo realizada. Isto pode sinalizar que, embora a ascensão do negro esteja relacionada ao futebol, e exemplo disso são os demais personagens afrodescendentes que brincam de futebol



com certa perícia, ele ainda é marginalizado por outros setores da sociedade.

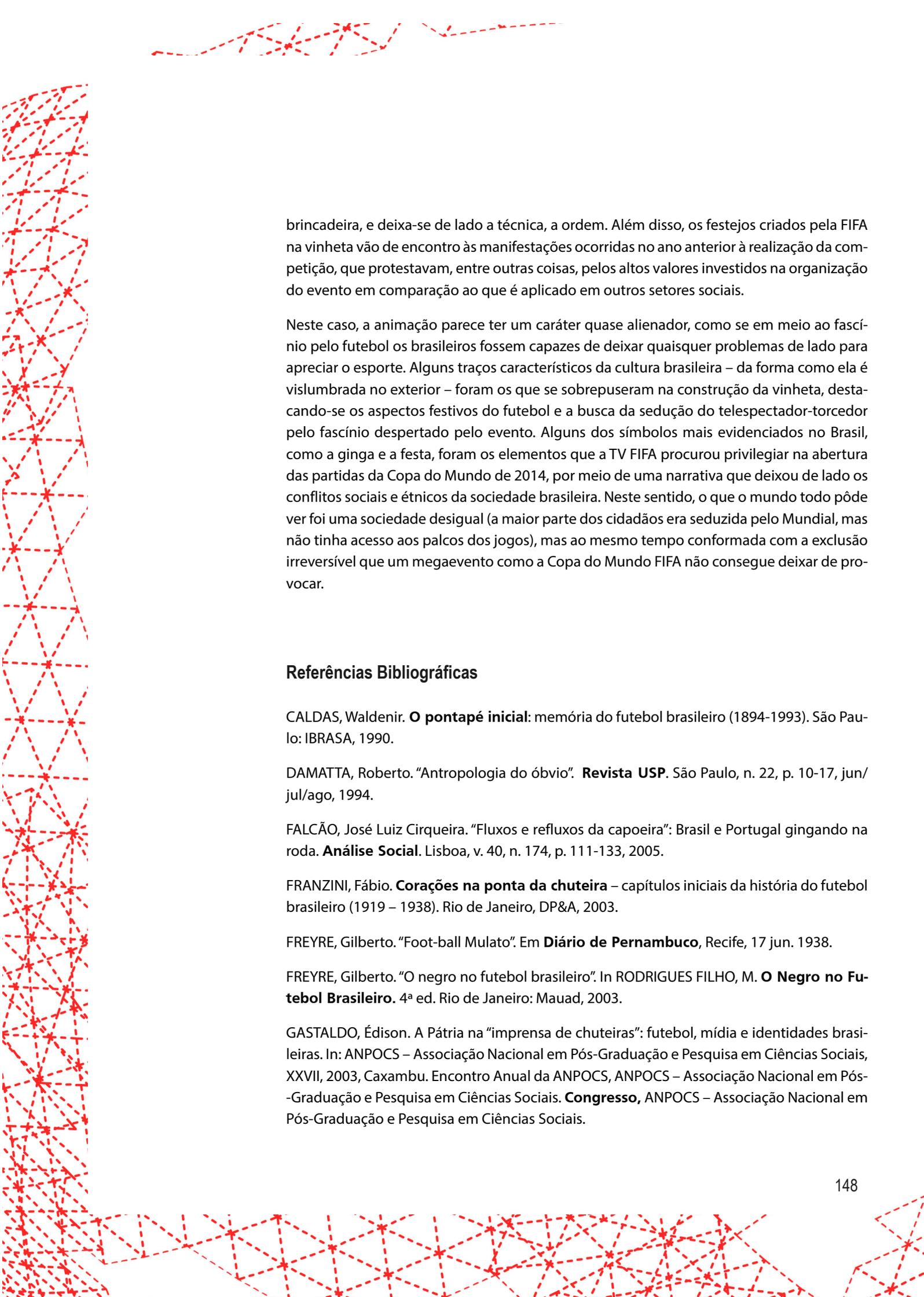
Embora o Brasil estivesse em festa com a vinda da Copa do Mundo na história contada pela vinheta, os brasileiros, na animação, ainda observam as comemorações de longe, como se não estivessem participando efetivamente delas. Utilizando a metodologia de Vanoye e Goliot-Lété (2012) aplicada como referência, o menino e os demais brasileiros apresentados são os sujeitos desejantes, que tentam alcançar seus objetos de desejo (assistir aos jogos nos estádios), mas, neste caso, eles parecem longe de consegui-lo.

Ao analisar o objeto, fica claro que a vinheta foi construída baseada na noção do futebol de Freyre. Com isto, ela acaba se tornando um exemplo do que Guedes (2014) diz a respeito da necessidade de reafirmar a forma como o brasileiro deseja ser visto e lembrado. E assim como a primeira impressão do autor a respeito do futebol arte, que foi divulgada em um meio de comunicação de massa para a época, o jornal, ainda hoje esta mesma ideia vem sendo retransmitida à população através de outras mídias de largo alcance, como neste caso, a televisão.

É instigante verificar que a dicotomia dionisíaco x apolíneo de Freyre é muito semelhante a outra dicotomia que opunha o futebol brasileiro ao europeu, estabelecida pelo cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (1922 – 1975) que publicou no diário *Il Giorno*, em 3 de janeiro de 1971, o artigo *Il calcio "è" un linguaggio con i suoi poeti e prosatori* (O futebol "é" uma linguagem com seus poetas e prosadores). Traduzido e publicado no Brasil como *O gol fatal* (Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 06/03/2005), o texto estabelecia duas formas estéticas de se praticar o futebol: uma em prosa (modo europeu) e outra em poesia (modo sul-americano). O cineasta condensava neste artigo uma das principais oposições semiológicas a que o futebol assistiria após a realização do Mundial de 1966, na Inglaterra: o vigor físico e a disciplina tática dos europeus (características aglutinadas em certa medida em torno do conceito do futebol força) contra a habilidade e o talento técnico dos sul-americanos, especialmente os brasileiros (romantizados no conceito do futebol arte).

De todo modo, como já relativizado por Helal (2012), o futebol-arte de Gilberto Freyre trata mais da exceção do que da regra no país. Além dos exemplos de jogadores que priorizavam a ordem e o treinamento intensivo para se destacarem por suas habilidades na prática do esporte, o que o Brasil apresenta hoje, em termos de futebol, é bem diferente da visão idílica de Freyre, fato que vem sendo confirmado pelos últimos resultados da seleção brasileira em competições oficiais. Aqui reside o problema das dicotomias, dos juízos binários: eles não conseguem dar conta das fronteiras entre uma e outra coisa, dos elementos que se aproveitam de um e de outro lado das margens, provocando mesclas e originando novas sínteses.

É interessante notar também que em nenhum momento o futebol profissional é apresentado na vinheta da FIFA. A única referência que se faz a ele são os estádios apresentados um a um, caracterizando a organização da Copa do Mundo. No entanto, nenhum jogador é mostrado em campo. Isso pode exemplificar o futebol dionisíaco a que Freyre se refere como próprio de seleções latino-americanas, como a brasileira, onde é priorizada a festa, a



brincadeira, e deixa-se de lado a técnica, a ordem. Além disso, os festejos criados pela FIFA na vinheta vão de encontro às manifestações ocorridas no ano anterior à realização da competição, que protestavam, entre outras coisas, pelos altos valores investidos na organização do evento em comparação ao que é aplicado em outros setores sociais.

Neste caso, a animação parece ter um caráter quase alienador, como se em meio ao fascínio pelo futebol os brasileiros fossem capazes de deixar quaisquer problemas de lado para apreciar o esporte. Alguns traços característicos da cultura brasileira – da forma como ela é vislumbrada no exterior – foram os que se sobrepuseram na construção da vinheta, destacando-se os aspectos festivos do futebol e a busca da sedução do telespectador-torcedor pelo fascínio despertado pelo evento. Alguns dos símbolos mais evidenciados no Brasil, como a ginga e a festa, foram os elementos que a TV FIFA procurou privilegiar na abertura das partidas da Copa do Mundo de 2014, por meio de uma narrativa que deixou de lado os conflitos sociais e étnicos da sociedade brasileira. Neste sentido, o que o mundo todo pôde ver foi uma sociedade desigual (a maior parte dos cidadãos era seduzida pelo Mundial, mas não tinha acesso aos palcos dos jogos), mas ao mesmo tempo conformada com a exclusão irreversível que um megaevento como a Copa do Mundo FIFA não consegue deixar de provocar.

Referências Bibliográficas

CALDAS, Waldenir. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro (1894-1993). São Paulo: IBRASA, 1990.

DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio”. **Revista USP**. São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun/jul/ago, 1994.

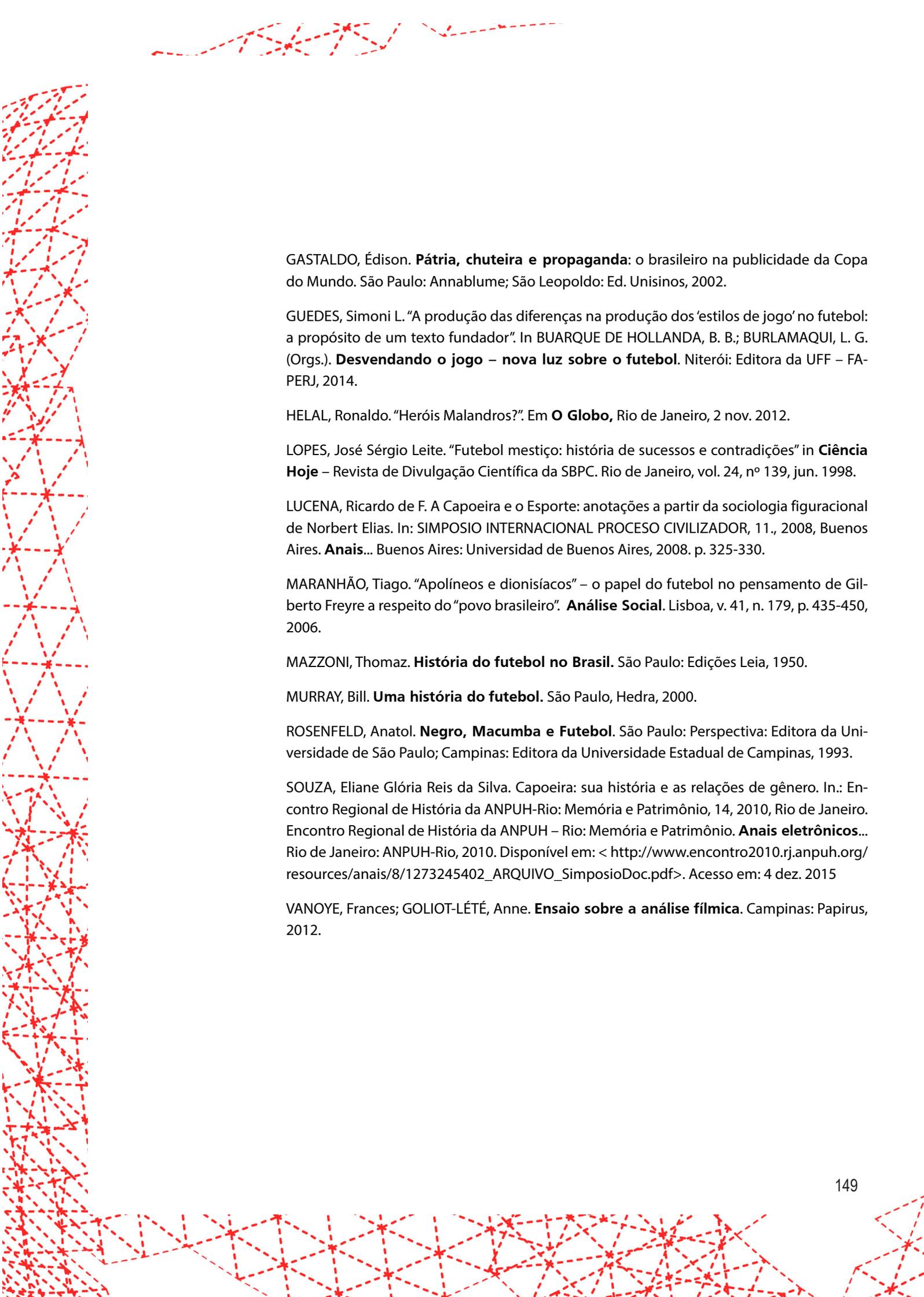
FALCÃO, José Luiz Cirqueira. “Fluxos e refluxos da capoeira”: Brasil e Portugal gingando na roda. **Análise Social**. Lisboa, v. 40, n. 174, p. 111-133, 2005.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira** – capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938). Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

FREYRE, Gilberto. “Foot-ball Mulato”. Em **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938.

FREYRE, Gilberto. “O negro no futebol brasileiro”. In RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GASTALDO, Édison. A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: ANPOCS – Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, XXVII, 2003, Caxambu. Encontro Anual da ANPOCS, ANPOCS – Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. **Congresso**, ANPOCS – Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.



GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteira e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

GUEDES, Simoni L. "A produção das diferenças na produção dos 'estilos de jogo' no futebol: a propósito de um texto fundador". In BUARQUE DE HOLLANDA, B. B.; BURLAMAQUI, L. G. (Orgs.). **Desvendando o jogo – nova luz sobre o futebol**. Niterói: Editora da UFF – FA-PERJ, 2014.

HELAL, Ronaldo. "Heróis Malandros?". Em **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 nov. 2012.

LOPES, José Sérgio Leite. "Futebol mestiço: história de sucessos e contradições" in **Ciência Hoje** – Revista de Divulgação Científica da SBPC. Rio de Janeiro, vol. 24, nº 139, jun. 1998.

LUCENA, Ricardo de F. A Capoeira e o Esporte: anotações a partir da sociologia figuracional de Norbert Elias. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL PROCESO CIVILIZADOR, 11., 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 325-330.

MARANHÃO, Tiago. "Apolíneos e dionisíacos" – o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do "povo brasileiro". **Análise Social**. Lisboa, v. 41, n. 179, p. 435-450, 2006.

MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo, Hedra, 2000.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

SOUZA, Eliane Glória Reis da Silva. Capoeira: sua história e as relações de gênero. In.: Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Memória e Patrimônio, 14, 2010, Rio de Janeiro. Encontro Regional de História da ANPUH – Rio: Memória e Patrimônio. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANPUH-Rio, 2010. Disponível em: < http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1273245402_ARQUIVO_SimposioDoc.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2015

VANOYE, Frances; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise filmica**. Campinas: Papirus, 2012.